

JOSÉ CARLOS COMPLETO e
MÓNICA CORTESÃO GONÇALVES

PATRULHA
Lobo

NO CEMITÉRIO PERDIDO





NOTA DOS AUTORES

Esta coleção de livros juvenis, de aventuras com jovens escuteiros, surgiu-nos do gosto pessoal de ambos por histórias de aventura.

O gosto pela escrita e pela leitura está-nos impregnado desde a nascença, e um início de diversão em tenra idade era especificamente a leitura de livros juvenis de aventuras, que até hoje são lidos por nós com prazer.

Temos o intuito de transmitir a nossa fantasia em cenários reais, com jovens iguais a tantos outros, percorrendo uma vida ativa dentro do escutismo, com percalços emocionantes e travessias pelo perigo, utilizando as variadíssimas técnicas que os escuteiros aprendem, para saltar, de forma inteligente e artística, das ameaças que vão surgindo pelo caminho.

Desejamos que tirem proveito, tanto da leitura destes livros emocionantes, como dos truques neles revelados, que poderão sempre utilizar na vossa vida.

José Carlos Completo
Mónica Cortesão Gonçalves



ALDEIA ISOLADA

Não estou muito contente com esta atividade...

— Porquê Ivo?

— Ora porquê, Ana!

— Sim... Porquê? — insiste Marta, de doze anos, com o seu típico ar traquina.

— Porque vamos passar um dia inteiro ao sol, agarrados às uvas... Que seca!

— Não digas disparates! — repreende Ana, sorridente.

— Não são esparates!

— Disparates! — corrige Ana.

— Não vai haver emoção, adrenalina, aventura... — continua Ivo, ignorando a correção de Ana.

— Adrenalina! — corrige Ana novamente.

— Que sabes tu? — intromete-se Guilherme na conversa.

— Sei que é uma seca...

— Fomos nós que decidimos em grupo que queríamos fazer esta atividade de ir ajudar na vindima, na Quinta dos Ferreiros — recorda Ana. — E assim aprendermos como se faz o vinho.

— E todas as patrulhas concordaram — acrescenta Miguel.

— É uma seca! — reafirma Ivo, com uma careta cómica, elevando os óculos desalinhados.

— Isso é o que tu pensas! — graceja Guilherme.

A patrulha Lobo viajava com as outras três patrulhas do seu grupo de escuteiros, a patrulha Mocho, a patrulha Tigre e a patrulha Esquilo, numa camioneta onde seguia também o chefe Pedro e a chefe Guida.

— Sabes de alguma coisa Gui? — pergunta Ivo, subitamente interessado.

— Se calhar sei...

— Conta! Conta! — pede Ivo eufórico.

— Não contes Gui — brinca Miguel.

— Claro que conta! — exclama Ivo amuado.

Ana e Marta riam-se perdidamente de Ivo e das suas mudanças repentinas de humor.

— Não posso, o Miguel é o guia da patrulha e ele é que manda! — goza Guilherme.

— E eu sou o guarda-material e ordeno-te que me contes o que sabes!

As gargalhadas foram espalhadas pela camioneta que os levava para o seu destino.

— Oh, vá lá...

Ivo sentia-se desesperado. Estava tão curioso que poderia rebentar.

Ivo tinha treze anos, tal como Ana, mas a maturidade

de cada um era substancialmente diferente. Ana era a mais responsável e apaziguadora da patrulha Lobo, enquanto Ivo era o mais atrevido.

— Bem, parece que vou ter de desvendar o mistério....

— Sim! — exclama Ivo, voltando à sua euforia.

— Mas há mesmo alguma coisa para contar? — pergunta Marta, confusa. — Pensei que estivessem na brincadeira...

— Pois, mas há uma coisa a contar...

A patrulha Lobo fez silêncio. Por detrás ouvia-se a conversa das restantes patrulhas, mas a patrulha Lobo emudeceu com a curiosidade.

— Vocês sabem para onde vamos? — pergunta Guilherme com um ar misterioso.

— Para uma aldeia isolada de tudo... — responde Ivo, com uma careta.

— Vamos ajudar os donos de uma quinta a fazer a vindima, só por isso devias estar feliz! — ralha Ana.

— Oh! — amua Ivo.

— Sim, vamos ajudar na vindima numa aldeia isolada, mas...

— Ai Gui! Desembucha que já estou a ficar com os nervos encaracolados! — reclama Ivo.

Os amigos riram-se com vontade, à exceção de Ivo que já estava a ficar zangado com tanto suspense.

— É uma aldeia misteriosa e cheia de história, é uma aldeia centenária... — esclarece Guilherme, sorridente.

— Como é que sabes? — pergunta Marta, duvidosa.

— Estive a pesquisar na internet — responde Guilherme, orgulhoso.

— Centénia?

— Centenária! — corrige Ana, a secretária da patrulha.

— O que é isso?

— Significa que a aldeia tem mais de cem anos de idade, é muito antiga... — explica Miguel.

— Ah! Ok. E o que isso tem de especial?

— Tem lendas por desvendar, mitos... — diz Guilherme entusiasmado.

— Não me parece nada divertido... — diz Ivo, com uma careta de desagrado.

— Oh pá! Oh Ivo, já me estás a encaracolar os nervos é a mim... Eu estou toda entusiasmada só por irmos acampar com outros grupos de escuteiros.

— Eu também, Marta — reconhece Ana.

— Isso vai ser giro! — entusiasma-se Ivo.

— Finalmente! — goza Marta.

— Vamos rever velhos amigos... — continua Ivo de sorriso dobrado.

— Vamos conhecer novos amigos... — prossegue Guilherme.

— E vamo-nos divertir muito — termina Ana.

— Não conhecemos todos os grupos?

— Acho que não, Marta — responde Miguel. — Não tenho a certeza, são dois grupos de escuteiros da nossa zona...

— E esses conhecemos! — interrompe Ivo.

— E depois são mais dois grupos que moram perto da aldeia para onde vamos...

— Mas a aldeia não é isolada e tem poucos habitantes?

— Sim, e então Ivo?

— Então Ana? Como pode haver dois grupos de

escuteiros dentro de uma aldeia isolada com poucos habitantes?

Mais uma vez a galhofa dentro da patrulha Lobo deu origem a risos descontrolados cheios de animação.

— O que foi? O que é que eu disse? — pergunta Ivo, atrapalhado.

Ana respira fundo, tentando controlar o riso.

— São grupos de escuteiros da zona, Ivo! As sedes deles não são naquela aldeia!

— Ah! Claro. Eu sabia, estava só a brincar... — sorri Ivo, acendendo ainda mais as gargalhadas.

— Olhem! — grita Marta.

— O quê?



QUINTA DOS FERREIROS

— **A** aldeia! Chegámos! — grita Marta.
Passavam por uma aldeia simples, com casas feitas de pedra antiga e rudemente terminadas. Algumas das casas já estavam em ruínas.

As poucas pessoas que se viam nas ruas de pedra gasta pararam os seus afazeres para, com olhares sorridentes, cumprimentarem os escuteiros recém-chegados.

— Que giro! — exclama Marta, feliz com a visão.
— É tão bom sair da confusão da cidade e encontrar pessoas tão fofas!

— Fofas? — pergunta Ivo, incrédulo.

Marta era uma rapariga vivaz e destemida, aquela postura era estranha aos amigos.

Riram-se todos com a observação.

— Que piadola, Ivo! — defende-se Marta com uma expressão de zangada.

— Eu concordo com a Marta — apazigua Ana.

— Adoro estes sítios isolados com pessoas simples e histórias para contar...

— E fofas! — goza Ivo.

Marta olha para Ivo com uma expressão de dragão prestes a deitar fogo.

— Au!

Marta dá um carolo a Ivo.

As gargalhadas mantiveram-se acesas até à entrada na Quinta dos Ferreiros.

— Puxa! Isto aqui dentro é enorme! — exclama Miguel.

— Já percebi porque é que somos tantos grupos de escuteiros... — esclarece Guilherme.

— Claro! Só vejo é uvas prontinhas para serem apanhadas — diz Marta. — Nem casas ao longe se veem!

— Ainda bem que já chegámos... Estou cheio de fome.

— Se não tivesses com fome é que me admirava, Ivo — goza Guilherme.

— Já viste bem que horas são? Já passa da hora do jantar...

— Deixa lá, trouxemos o jantar pronto, por isso quando soubermos onde vamos dormir e arrumarmos as nossas coisas, vamos comer.

— Nem penses, Gui! Eu vou comer antes disso, não me aguento.

— Come à vontade — permite Miguel. — Com a quantidade de comida que a tua mãe te deve ter dado para trazeres, deves poder jantar três vezes...

— Talvez quatro — afirma Ivo, seriamente.

A camioneta parou junto de uma outra, no meio de um pequeno descampado. À sua frente conseguia ver-se

uma casa de madeira enorme, com uma aparência antiga e pouco estimada.

— Esperem aqui — ordena o chefe Pedro. — Nós vamos saber onde nos foi dada a permissão para dormir.

— Já voltamos — despede-se a chefe Guida.

Os chefes saíram da camioneta e as quatro patrulhas colaram-se ao vidro, curiosas.

Pedro e Guida falaram com um senhor com cerca de cinquenta e muitos anos, sorridente, moreno e de chapéu de palha na cabeça. Era difícil perceber a conversa, estava a escurecer, mas percebia-se que o homem gesticulava contente.

Depois, os chefes voltaram para a camioneta cheia de jovens sedentos de informação.

— O que é que o senhor disse, chefe Pedro? — pergunta uma rapariga pertencente à patrulha Mocho.

— Temos boas notícias para dar... — afirma a chefe Guida, sorridente.

— Vamos acantonar dentro do celeiro, todos juntos — desvenda o chefe Pedro.

Uma algazarra unânime encheu a camioneta.

— E todos juntos significa que será o nosso grupo e os outros grupos de escuteiros que vêm também ajudar na vindima — completa a chefe Guida.

Os gritos de euforia eram ensurdecedores. Pedro fez sinal para se calarem.

— O celeiro é enorme e há espaço para todos — continua Pedro.

— Adoro acampar dentro de casa! — exclama Ivo, eufórico.

— Acantonar! — corrige Ana. — Não vamos montar tendas.

— Vamos sair da camioneta em silêncio e entrar no celeiro para arrumarmos as nossas coisas e jantarmos, que já está na hora — diz Pedro.

— Vês! — sussurra Ivo para os amigos. — Eu bem disse que estava cheio de fome...

Saíram ordeiramente da camioneta e entraram no celeiro existente mesmo à sua frente. Ficaram curiosos e vislumbrados com o que viam.

Um celeiro, com pouca luz artificial, iluminou os escuteiros de uma forma brilhante. Estavam encantados. Havia fardos de palha por todo lado. Onde não tinha fardos de palha, havia montes com cereais que pediam, nas suas entranhas, um mergulho corajoso.

— Estou a ouvir alguma coisa!

— O que foi, Marta? — pergunta Miguel.

Marta não respondeu, desatou a correr com os amigos no seu encalço e só parou quando viu o que suspeitava.

— Vacas!

Ao lado, depararam-se com uma vacaria bem recheada. Os olhos de Marta iluminaram-se perante a visão.

— São tão lindas!

— E fofas! — goza Ivo.

Marta ignorou-o.

— Au! — grita Ivo.

Desta vez foi Ana que o presenteou com um carolo.

— Vamos dormir bem acompanhados — afirma Marta, sorridente.

— E com um belo cheiro — queixa-se Ivo.

— Pois eu estou contente com a descoberta, nunca tínhamos dormido assim, num celeiro com cereais, fardos de palha e vacas! — diz Guilherme, contente.

— Onde vais, Marta? Pode ser perigoso! — exclama Ana, preocupada.

Marta atravessou a porta que a protegia das vacas e aproximou-se de uma delas sem medo. Guilherme, o tesoureiro da patrulha Lobo e o mais aventureiro de todos, foi atrás dela, satisfeito.

— Vocês estão doidos! — ralha Ana, preocupada com os amigos.

Guilherme e Marta acariciavam o lombo robusto de uma das vacas que mugia de contentamento.

— Não fazem mal, são meiguinhas — explica Marta, feliz.

Miguel, Ivo e Ana observavam a cena do lado de fora das tábuas de madeira, em forma de cerca, que os separava dos animais.

— Como é que sabes? — pergunta Ivo, pouco certo.
— Não parecem nada.

Os membros da patrulha Lobo expressavam três sentimentos diferentes. Miguel observava, tranquilamente, a felicidade dos amigos e dos animais, Ana estava extremamente preocupada com a saúde física de Marta e Guilherme, mas Ivo estava apavorado.

— Sabemos, porque estas vacas estão habituadas a serem mexidas diariamente — explica Guilherme.

— Como é que sabes? — insiste Ivo, cada vez mais curioso.

— Porque são vacas que dão leite — responde Marta, a dar uma festa a outra vaca.

— Sim, mas...

— Ivo, estas vacas não são selvagens — diz Guilherme, paciente, avançando para o focinho da vaca que inicialmente acarinhava. — Nasceram e cresceram

aqui e estão habituadas a serem mexidas por humanos como nós.

— Isso significa que posso mexer-lhe à vontade que ela não me faz mal?

— Se a magoares não vai ficar contente! — goza Miguel.

— Se a magoar ela bate-me?

— Claro Ivo, vai dar-te um estalo! — ironiza Marta.

— Não, mas...

— Todos os seres vivos reagem mal à violência, certo? — fala agora Ana. — As vacas não são diferentes...

— Anda cá — pede Guilherme, aproximando-se de Ivo, ficando entre eles uma porta cuidadosamente construída.

— Eu não! Eu não!

Guilherme puxa o braço a Ivo, que inicia uma birra bem fundamentada.

— E se ela não gosta de mim? Pode morder-me! Não quero, não quero!

— Pronto! — exclama Guilherme, largando Ivo.

— Não quero, Gui!

— Faz só uma festa para veres como são meigas...

— Não tenhas medo, anda lá — pede Marta, suavemente, aproximando-se também.

— Eu não tenho medo, é só receio!

— Vamos mas é arrumar as nossas coisas, já não têm fome? — interrompe Ana.

— Parece que temos receio também aqui deste lado... — brinca Miguel.

— E tenho. Tenho mesmo medo que alguém se magoe, vamos lá embora.

— Para onde? — pergunta Ivo, perdido.